

## Linhas Tênues, Fronteiras Fortificadas: a imigração na França pelas imagens do filme Bem-vindo

*Eliane de Oliveira<sup>1</sup>*

### Resumo

O filme Bem-vindo narra a história das dificuldades enfrentadas por um jovem iraquiano de origem curda, que está na cidade francesa de Calais com a intenção de cruzar o Canal da Mancha. Ele se configura na reunião de diferentes questões atuais e oportunas acerca não só da imigração, mas de outras reflexões que ela possibilita e que muitas vezes passam despercebidas.

**Palavras-chave:** *Imigração; França; Cinema; Bem-vindo.*

O que poderia ter de especial na chegada de um trem em uma estação? Aparentemente, nada. Mas foram as imagens dessa cena comum e rotineira as primeiras a serem gravadas e exibidas por um invento do século XIX denominado cinematógrafo. Era isso que fazia a máquina dos irmãos Lumière: captava cenas reais e as exibia ao público. Para Edgar Morin (1970) é nisto que reside a genialidade da invenção: filmar e projetar como espetáculo o que não é espetáculo, fazer as pessoas se maravilharem com tudo que as não maravilha.

Do surgimento até os dias atuais houve muitas mudanças, tanto no modo de filmar e projetar quanto no argumento dos filmes. O cinema abriu espaço para ficção e narrativas fantásticas, viajou para o espaço e para o centro da terra, mas seu elo com a realidade não foi totalmente cortado. Para Morin (1970) o cinema reflete a realidade, e, mais do que isso, comunica com o sonho. É esta magia do cinema que, ao comunicar sonho e realidade, possibilita avanços e retrocessos no tempo, viagens ao passado e ao futuro e, em alguns casos, antecipa a realidade. É nesse limiar entre realidade e ficção, tão característico do

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social - habilitação Jornalismo, Universidade Estadual de Londrina. Email: eliane1701@gmail.com.

cinema, que o filme escolhido para análise está inserido. Bem-vindo (França, 2009) é uma obra de ficção, porém, possui forte vínculo com o real e o contexto contribui para dificultar tal distinção. O cinema constitui-se da síntese das mais diversas manifestações estéticas do homem, como literatura, pintura, música, arquitetura, fotografia, e as utiliza para apresentar ficção e realidade por meio de situações humanas típicas. É um *medium* entre realidade e imaginário, o que significa não apenas comparar e apreender o que já é conhecido, mas também um encontro com o desconhecido, seja diretamente ou por meio de sugestões. O cinema é dialético; o filme tem sua duração específica, mas ele é capaz de conduzir a reflexões que vão além da sala de cinema ou do tempo de duração da película.

Como espelho antropológico o cinema reflete as realidades práticas e imaginárias, ou seja, as carências, as comunicações e os problemas da individualidade humana. A partir de determinadas situações temáticas apresentadas pela obra, torna-se também espaço de reflexão e de ação. Por meio de um filme é possível conhecer situações, realidades, estruturas e processo predominantes em determinada sociedade. São estes pressupostos que nortearam a escolha de um filme para discutir algumas questões sobre a imigração na França. Como o filme Bem-vindo narra a história das dificuldades enfrentadas por um jovem iraquiano de origem curda, que está na cidade francesa de Calais com a intenção de cruzar o Canal da Mancha, ele se configura na reunião de diferentes questões atuais e oportunas acerca não só da imigração, mas de outras reflexões que ela possibilita e que muitas vezes passam despercebidas.

Tecnicamente, o termo imigração é definido por Aurélio Buarque de Holanda como a entrada e permanência em um país de pessoas provenientes de outro. Porém, quando o foco se transfere da ação para o sujeito, há outros fatores envolvidos no que caracteriza e define a imigração. Como migrar é transpor fronteiras, a condição de imigrante surge junto com a delimitação do espaço constituinte de um Estado ou nação, ou seja, a idéia do imigrante, o outro, o estrangeiro, só pode ser concebida a partir do momento em que havia uma ideia de identidade nacional, formada não apenas pelo espaço físico delimitado pela fronteira, na maioria das vezes natural, como um rio ou uma montanha, mas por características físicas e/ou culturais que distinguiam um povo do outro.

Quando tal distinção é facilmente identificável, seja pela vestimenta, pela cor da pele, pelos hábitos, ou ainda por tudo isso junto como é o caso do muçulmano, tende-se a acreditar que a percepção de sua presença seja em virtude disso. Porém, ao se expandir o campo de observação para além das alardeadas diferenças físicas e culturais, percebe-se a

influência de outros fatores atuantes nesta percepção da presença do imigrante e no mal-estar a ela vinculado.

### Intersecções entre ficção e realidade

Bem-vindo (Philippe Lioret, França 2009) conta a história de Bilal, um jovem iraquiano de origem curda que está em Calais, na França, tentando chegar à Inglaterra para encontrar sua namorada, que está prestes a se casar com outra pessoa, um casamento arranjado pela família. Desde a saída do Iraque foram três meses viajando escondido em trens e caminhões, porém a travessia do Canal da Mancha será mais difícil. Além da intensa fiscalização policial, que tenta impedir imigrantes de atravessar para a Inglaterra escondidos em caminhões, ele tem que superar os traumas causados por agressões cometidas pelo exército turco. Após uma tentativa frustrada, na qual todos os clandestinos são descobertos porque Bilal não consegue respirar com a cabeça dentro de um saco, o jovem resolve fazer a travessia nadando. É neste ponto que sua história se cruza com a de Simon, um solitário professor de natação, frustrado com o processo de divórcio. Sensibilizado com a luta do jovem para fazer a travessia, Simon decide treiná-lo, inicial e aparentemente para impressionar a ex-mulher, Marion, uma professora que participa de ações para auxiliar os imigrantes, entre as quais a distribuição de sopa no cais do porto.

No site oficial do filme (<http://www.welcomemovie.com.au/>), é possível encontrar entrevistas que relatam um pouco sobre o processo de produção, as filmagens e a busca pelos atores. Ao saberem da história de um jovem imigrante que havia tentando atravessar para a Inglaterra a nado, Philippe Lioret, autor e diretor, e Emmanuel Courcol, o co-autor, que já haviam trabalhado juntos em outras produções, enxergaram a possibilidade de transformar esta história tão peculiar em um filme. Para se aproximar da realidade dos imigrantes, eles ficaram em Calais por vários dias acompanhando o trabalho dos voluntários, da polícia, enfim, a rotina do local. Procuraram o jovem que iria interpretar o personagem Bilal em diversos países que abrigavam comunidades curdas, entretanto, acabaram por encontrá-lo na própria França. Firat Ayverdi não é um ator profissional, é um jogador de pólo aquático. Assim como ele, a maioria das pessoas que contracenam com Bilal também não são atores profissionais, foram descobertos pela produção enquanto procuravam um jovem que falasse inglês e curdo para dar vida ao personagem. A gravação

da maioria das cenas aconteceu nos ambientes reais, inclusive na *jungle* – a área de bosque utilizada pelos imigrantes como abrigo.

Na época de lançamento do filme na França, em março de 2009, houve grande polêmica e a situação dos imigrantes novamente ganhou destaque, tanto em jornais nacionais quanto internacionais. Em abril, o Partido Socialista aproveitou a mobilização para propor uma lei que pusesse fim ao delito de solidariedade. Até o momento o projeto não foi votado. Por outro lado, o Código de entrada e permanência de estrangeiros e do direito de asilo (*Code de l'entrée et du séjour des étrangers et du droit d'asile* - CESEDA), tem sofrido outras alterações no sentido de restringir os direitos dos imigrantes e das entidades de assistência. Algumas dessas propostas, reunidas sob o nome de Lei Besson, preveem o alongamento da detenção administrativa, a privação da liberdade sem controle de juiz por até cinco dias, e a criação de áreas de exílio dentro do território europeu.

A região de Calais está envolvida com o abrigo de refugiados indesejados e com a tentativa de impedi-los de chegar à Inglaterra ou permanecerem na França desde 1999, ano de abertura do Campo de Sangatte. Administrado pela Cruz Vermelha, o Campo abrigava refugiados solicitantes de asilo oriundos de diversos países, mas com as constantes tentativas dos imigrantes de chegarem à Inglaterra por meio do Eurotúnel a relação entre os dois países tornou-se tensa. As autoridades inglesas acusavam publicamente, por meio de declarações aos jornais, a França de incompetência na fiscalização. O fechamento do Campo em 2003 parecia um alívio e a resolução dos problemas, contudo, não impediu que os imigrantes continuassem chegando. Sem um local específico para ficar, eles passaram a se abrigar em cabanas improvisadas em uma área de bosque próxima ao porto, que não por acaso recebeu o nome de *jungle*.

Novamente, a atitude do governo no sentido de resolver o problema causado pelos imigrantes foi fechar o local que servia de abrigo. Em 22 de setembro de 2009, o governo destruiu a *jungle*. Um ano após a ação, tanto o jornal *Le Monde* quanto comunicados emitidos por organizações de ajuda aos imigrantes como a Cimade e a *Secours Catholique* trazem relatos de que a situação não mudou. Os imigrantes vivem dispersos pela cidade, pois grupos numerosos chamam a atenção da polícia, como demonstra a manchete do *Le Monde*: Em Calais os imigrantes se sentem constantemente perseguidos (*A Calais, le migrants se sentent toujours traqués*). A tradução de *traqués* dada pelo dicionário Larousse é: perseguição da caça. Mesmo sob pressão policial as ações de ajuda continuam. Eles se reúnem rapidamente para receber alimentos e, em seguida, espalham-se novamente. Esta

dispersão prejudica as ações de auxílio, gera certa invisibilidade e a falsa impressão de que a situação se alterou.

O site da associação *L'auberge des migrants*, uma das entidades que atuam na região, traz algumas informações sobre a origem dos imigrantes que também constam nos relatórios da Anistia Internacional e da ACNUR, entre elas está a origem, a maioria está em fuga de regiões de conflito como Afeganistão e Iraque, fala inglês fluentemente e deseja ir à Inglaterra para encontrar amigos ou parentes que poderão acolhê-los. E acrescenta que muitos trabalharam para o exército inglês ou norte-americano e acreditam que isso os fará serem acolhidos “*à bras ouverts*”.

### Um rápido flash-back

Em um momento em que a imigração é vista como ameaça, é preciso lembrar que o imigrante nem sempre foi motivo de preocupação. Ser visto como um problema e ser indesejado não são características inerentes à condição de imigrante. Neste sentido, a França também tem papel fundamental no que concerne à história recente da imigração, iniciada no século passado. Sobre isso, Sayad (1998) fala do caráter exemplar da imigração argelina na França, iniciada em 1910 caracterizada como imigração para o trabalho. Para ele, a imigração argelina na França foi exemplar em muitos aspectos:

Exemplar em razão de sua relativa precocidade – ela foi, ao que parece, a mais antiga de todas as imigrações originárias dos países que hoje chamamos de países do Terceiro Mundo; em razão das condições históricas e do contexto (o quadro colonial) nos quais nasceu e se desenvolveu – é notadamente por causa deste contexto que a França e a Argélia, o país colonizador e sua colônia, “inventaram”, a primeira, o recurso em massa para as necessidades de sua indústria, a uma mão-de-obra de colonizados e, a segunda, a disponibilização em prol de um país industrializado (no caso, a metrópole) de uma fração de seu “exército de reserva” de trabalhadores que as novas condições começaram a constituir (SAYAD, 1998, p. 19).

De certa forma, a busca por imigrantes sempre esteve relacionada à necessidade de mão-de-obra. País industrializado, a França requisitou mão-de-obra estrangeira nas colônias e ex-colônias para reconstruir o país após as duas grandes guerras mundiais, criando, inclusive, um escritório para recrutar trabalhadores estrangeiros (*L' Office National d'Immigration*), em 1946. Porém, com o declínio econômico na década de 70, a política oficial de imigração foi encerrada. Nesse período, imaginava-se, de maneira até

um tanto inocente, que finalizado o trabalho, os imigrantes retornariam ao país de origem. Isso não ocorreu, e a imigração apresentou uma outra característica: a perda de seu caráter provisório, transitório. Além disso, houve um grande fluxo de imigrantes portugueses, espanhóis e latino-americanos em virtude das condições políticas nos países de origem. Por sua posição como defensor dos direitos humanos, o país é visto como um bom local para asilo de refugiados políticos.

A imigração teve ainda um importante papel demográfico. Segundo o sociólogo Emmanuel Peignard, a França é tradicionalmente um país de imigração. Por mais de 150 anos, enquanto outros países combinavam altas taxas de natalidade e de emigração, a França contava com a população estrangeira para prevenir o declínio demográfico. Ainda hoje, a imigração é vista como opção para o envelhecimento populacional e as baixas taxas de natalidade.

De fato, os imigrantes estão presentes na sociedade francesa. Os dados do Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos (*Institut National de la Statistique et des Études Économiques – INSEE*) apontam que 85% da população da França é composta por cidadãos franceses, os outros 15% se dividem entre imigrantes e estrangeiros. A diferenciação feita pelo Instituto entre imigrantes e estrangeiros é que o imigrante tem como característica a permanência, ou seja, ambos não são nascidos na França, mas o estrangeiro tem caráter provisório, sua estada no país é transitória. Porém, para Sayad (1998) a distinção entre imigrante e estrangeiro é feita de outro modo:

O que quer que digam os juristas, não são, assim, a situação individual da pessoa e o tempo de estadia na França, apenas, que fazem a diferença entre um estrangeiro (que está apenas de passagem) e um imigrante (que se instalou, por certo provisoriamente, mas relativamente por mais tempo do que um turista): são principalmente e antes de mais nada a relação desigual (relação política, econômica, cultural, etc), a relação de forças entre os dois países, as duas sociedades, as duas culturas. Considerando as coisas desse modo, pode-se dizer que o mundo está dividido em dois: de um lado, um mundo dominante (política e economicamente) que produziria apenas turistas – e todo estrangeiro oriundo desse mundo poderoso, mesmo se residir em país estrangeiro durante toda sua vida, seria tratado com o respeito devido a sua qualidade de “estrangeiro” -; de outro lado, um mundo dominado que só forneceria imigrantes, e todo estrangeiro proveniente desse mundo, mesmo se vier como turista e só permanecer durante o tempo autorizado ou o tempo atribuído aos turistas, é considerado como um imigrante virtual ou um “clandestino” (SAYAD, 1998, p. 244).

Transitória ou duradoura, a presença imigrante confronta o que é ser nacional, o que é ser francês, o que diferencia um cidadão francês de um estrangeiro. É a aparência, os modos, as roupas, os valores? O que é exclusivo de um cidadão francês? Nas palavras de Sayad a presença do imigrante (que, idealmente e para a realização completa da categoria

nação, não deveria existir) traduz uma espécie de limite à perfeição esperada da ordem nacional, e além disso:

põe em “risco” a ordem nacional forçando a pensar o que é impensável, a pensar o que não deve ser pensado ou o que não deve ser pensado para poder existir; forçando-a a revelar seu caráter arbitrário (*i. e.*, não-necessário), a desmascarar seus pressupostos; forçando-a a revelar a verdade de sua instituição e a expor suas regras de funcionamento (SAYAD, 1998, p. 274).

Esses questionamentos se tornam ainda mais relevantes em um momento em que palavras como multiculturalismo e globalização são frequentes, e em um país onde a polícia tem autorização para interpelar qualquer pessoa que pareça estrangeira e verificar se sua situação no país é legal, baseada exclusivamente na aparência. Ou seja, o simples fato de não parecer francês torna qualquer pessoa um suspeito em potencial.

### Valores dramáticos: pontos-chaves de um roteiro

Falar de imigração no França, atualmente, é um assunto delicado e isso pode ser comprovado pela frequência com que o tema chega até nós por meio dos noticiários, pela importância e espaço que o assunto adquire às vésperas de eleições e pela quantidade de leis propostas ou em vigência referentes à questão. O país tem discutido, nos últimos anos, alterações na lei de imigração e o tema tem gerado desavenças e desconforto não apenas entre os políticos, mas na população em geral. O incômodo provocado pela presença do imigrante no país não é recente, mas é inegável seu agravamento após os atentados de 11 de setembro, que, entre muitas repercussões, deu maior visibilidade à questão imigratória, tanto no sentido político, com modificações na legislação, quanto nas discussões sobre direitos humanos e identidade. Além disso, de acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), a França é o segundo país em número de solicitações de asilo, atrás somente dos Estados Unidos.

Ainda segundo informações do ACNUR o maior número de pedidos de asilo parte de pessoas provenientes de Iraque e Afeganistão, respectivamente. O que esses países têm em comum é uma situação de conflito armado que se estende há anos. A persistência desses conflitos dificulta o retorno voluntário aos países de origem, o que geralmente é a situação preferida para países de refúgio.

Como resposta aos ataques sofridos em setembro de 2001, no mês seguinte os Estados Unidos invadiram o Afeganistão, sob a justificativa de capturar Osama bin Laden e outros líderes da Al-Qaeda. Quase dez anos após a invasão a situação no país não foi estabilizada. Segundo a Anistia Internacional:

A população afegã continuou a sofrer violações de direitos humanos generalizadas, bem como violações do direito internacional humanitário, por mais de sete anos depois de os Estados Unidos e seus aliados suplantarem o Talibã. O acesso a serviços de saúde, à educação e à ajuda humanitária piorou, sobretudo no sul e no sudeste do país, devido à escalada do conflito armado entre, de um lado, as forças afegãs e internacionais e, de outro lado, os talibãs e outros grupos armados. Violações relacionadas ao conflito tiveram um aumento no norte e no oeste do Afeganistão, áreas antes consideradas relativamente seguras.

Ainda em ressonância ao 11 de setembro, os Estados Unidos invadiram o Iraque em 2003, alegando que Sadam Hussein possuía armas de destruição em massa e uma possível ligação com Osama bin Laden. Meses depois Sadam Hussein foi capturado e condenado à pena de morte, executada em 2006. O país passou por eleições, contudo, apesar do governo norte-americano anunciar a progressiva retirada das tropas, a situação, assim como no Afeganistão, não é tranquila. Para piorar, o Iraque tem ainda um outro desafio: a questão curda.

Milhões de pessoas com língua e cultura próprias espalhadas, principalmente, por terras ao norte do Iraque, Irã e Turquia, que lutam por autonomia. Após a primeira Guerra do Iraque, em 1991, mais de um milhão de curdos fugiram em direção à Turquia e ao Irã. O Conselho de Segurança da ONU decidiu por uma ação humanitária em favor dos curdos do norte do Iraque. Foi a primeira vez que a ONU interveio num conflito interno.

Mezzadra (2005) afirma que as situações que motivam a saída de um país com destino a outro podem ser as mais variadas. Todavia, é possível encontrar uma motivação comum: a fuga. Seja ela motivada pelo exílio político em casos de tirania, ou o asilado em condições de guerra ou frente a situações econômicas extremas, ou ainda o que ele define como ‘deserto subjetivo’ – um diferencial segundo o qual alguns territórios prometem mais que outros. Sobre essa situação, o livro *A Imigração*, de Abdelmalek Sayad traz um relato exemplar. Sayad entrevistou imigrantes argelinos que estão na França e também suas famílias que ficaram na Argélia. O trecho transcrito abaixo permite compreender um pouco a presença simbólica que a França desperta além de suas fronteiras, neste caso em uma de suas ex-colônias:

Na verdade, ninguém sabe nada [da França]. As pessoas falam dela à vontade e a França para todos parece iluminada [...] É assim. A França agrada a todos, ela é bela aos olhos de todos [...] Mas, de verdade, da França o que você quer que se diga? Ninguém a conhece. Dizem... dizem que é o “país da felicidade”, e só! (SAYAD, 1998, p. 32)

O país da felicidade, porém, não é tão acessível assim. Ignacio Ramonet, no livro *Guerras do século XXI*, cita uma pesquisa realizada pelo jornal *Le Monde* em que mais de um entre quatro franceses concordam com as idéias dos partidos Frente Nacional e Movimento Nacional Republicano. Ambos partidos propõem:

(...) o culto do sangue e do solo, a restauração da nação (no sentido étnico do termo), o estabelecimento de um regime autoritário, a pretexto de lutar contra a insegurança, a redução drástica do imposto sobre a renda, a volta ao protecionismo econômico, o retorno das mulheres ao lar e a expulsão de 3 milhões de estrangeiros, para liberar postos de trabalho destinados aos franceses (RAMONET, 2003, p. 34) [grifo nosso].

Em função disso, é possível verificar que o famoso lema da República Francesa “liberdade, igualdade e fraternidade”, há séculos motivo de orgulho para seus cidadãos, está sendo preterido. Para Hamilton *apud* Bauman, a violenta destruição da vida e da propriedade inerente à guerra, o esforço e o alarme contínuos resultantes de um estado de perigo constante, vão compelir as nações mais vinculadas à liberdade a recorrerem, para seu repouso e segurança, a instituições e atitudes cuja tendência é destruir seus direitos civis e políticos. Para serem mais seguras, elas acabam se dispondo a correr o risco de serem menos livres (BAUMAN, 2007).

Na atual situação o Estado acaba por adquirir atribuições um tanto distintas daquelas sob as quais surgiu séculos atrás. Agora, o Estado social está sendo substituído pelo

“Estado de proteção pessoal” pelas ameaças de um pedófilo à solta, de um *serial killer*, de um mendigo atrevido, de um assaltante, de um molestador, envenenador, terrorista ou, melhor ainda, por todas essas ameaças combinadas em uma só figura: o imigrante ilegal, contra quem o Estado moderno, em sua mais recente representação, promete defender os seus cidadãos (BAUMAN, 2007, p. 21).

Neste contexto, foi criado em 2007 o Ministério da Imigração, Integração, Identidade Nacional e Desenvolvimento Cooperativo, cuja missão, disponível na página do Ministério na internet, é: *estabelecer uma política de imigração e de integração, justa e firme, proporcionando o controle da imigração*. Ironicamente, o ministério é comandado

por Eric Besson, de origem marroquina, e foi criado no governo do presidente Nicolas Sarkozy, filho de um imigrante húngaro. O Ministério também criou uma site para que a população pudesse acompanhar as discussões sobre a identidade francesa (<http://www.debatidentitenationale.fr>) e responder a perguntas como o que é ser francês, e algumas mais polêmicas, por exemplo, como evitar a entrada ilegal de estrangeiros no país?

As palavras ‘polêmica’ e ‘imigração’ parecem realmente caminhar juntas e acompanhar a trajetória do atual presidente francês. Em 2005, uma onda de violência se espalhou pelo país após dois adolescentes imigrantes morrerem eletrocutados ao fugirem de uma perseguição policial. Por vários dias centenas de carros foram incendiados, as precárias condições em que viviam os imigrantes foram destaque, e a França ocupou manchetes de jornais no mundo todo. Sarkozy, então Ministro do Interior, classificou os jovens manifestantes de ralé (*racaille*) e ameaçou expulsar todos do país, até mesmo os que estivessem em situação regular.

Em outra ocasião, declarou que os véus islâmicos não eram bem-vindos na França e divulgou um relatório parlamentar sugerindo a criação de uma lei que proibisse o uso do véu em locais públicos como hospitais, trens e escolas. A proposta de lei, denunciada como inconstitucional, mesmo assim, foi aprovada. Nesse sentido, Sayad (1998) afirma que:

Questão bilateral quando se trata de negociar os contingentes de imigrantes a receber, a imigração se torna uma questão interna de relevância exclusiva da França, de soberania exclusiva de suas leis e, mais normalmente, de competência exclusiva de seus regulamentos, quando se trata da vida cotidiana dos imigrantes e, como parece ser o caso hoje em dia, bem como em todos os períodos dessa crise do emprego (que são também períodos de intensa atividade legislativa em termos de imigração), quando se trata de modificar, ao sabor das circunstâncias e sempre que necessário, as condições de entrada, de estadia e de trabalho dos imigrantes (SAYAD, 1998, p. 241 e 242).

O assunto realmente é delicado. A França abriga a maior população muçulmana da Europa. Pelos dados do INSEE são mais de cinco milhões de muçulmanos, dos quais uma minoria, 1,9 mil mulheres, segundo dados do Ministério do Interior, usam o véu. Para Bauman (2007), na busca pela companhia de “iguais”, em um ambiente em que, supostamente, não há o risco de incompreensão, em que não é preciso se deparar com as diferenças, é possível que não exista interesse ou habilidade para compreender e conviver, ou sequer dividir o mesmo espaço físico com “os outros”.

Se, de modo geral, o maior contingente de imigrantes na França é proveniente de suas ex-colônias na região do Maghreb, em Calais a situação é diferente. Situada no norte do país, é uma cidade portuária de aproximadamente 100 mil habitantes. Localizada no Estreito de Dover, é o município francês mais próximo da Inglaterra, apenas 30 quilômetros separam os dois países. Tamanha proximidade fez do local um entreposto entre imigrantes oriundos de Iraque e Afeganistão e a Inglaterra. Essa conjuntura faz a questão imigratória na cidade um tanto singular.

Tentando fugir ou tendo sido expulsas pela guerra muitas pessoas partem buscando aquele modo de vida propagado como ideal ou simplesmente uma vivência possível. Para Bauman (2007), talvez a única indústria florescente nos países em desenvolvimento (denominação que ele classifica como um apelido tortuoso e frequentemente enganoso) seja a produção em massa de refugiados. Nesse caminho, os indivíduos perdem elementos essenciais à identidade, sendo reduzidos a uma massa sem rosto, porém acabam por adquirir um outro – o de refugiado sem Estado, lugar, função e, principalmente, “sem documentos”. Houerou *apud* Bauman, explica que tornar-se um refugiado é:

Perder os meios em que se baseia a existência social, ou seja, um conjunto de coisas e pessoas comuns que têm significados – terra, casa, aldeia, cidade, país, posses, empregos e outros pontos de referência cotidianos. Essas criaturas à deriva e à espera não têm coisa alguma senão sua vida indefesa cuja continuação depende da ajuda humanitária (BAUMAN, 2007, p. 46).

Tornar-se um refugiado é também estar diante de um dilema, cuja solução, se é que existe, é um tanto penosa. Expulsos à força ou obrigados a fugir de seu país de origem, ele tem sua entrada recusada em qualquer outro lugar. Na verdade, não houve uma mudança consensual de lugar e sim uma perda. O refugiado é duplamente indesejado, pois não pode voltar para o lugar de partida, seja porque o país que deixou não o quer de volta ou porque o que dava significado e condições à sua vida já não existe mais – foi tomado, destruído; também não pode seguir adiante porque não é bem-vindo em nenhum outro país “nenhum governo ficará satisfeito em assistir a um influxo de milhões de sem-teto, e todos fariam o possível para impedir que os recém-chegados se estabelecessem”. Além disso, tem uma

localização ‘permanentemente temporária’, os refugiados ‘estão lá, mas não são de lá’. Não pertencem realmente ao país em cujo território foram montadas suas cabanas ou fixadas suas tendas. Estão separados do resto do país que os hospeda por um véu de suspeita e ressentimento invisível, mas que ao mesmo tempo é espesso e impenetrável. Estão

suspensos num vácuo espacial em que o tempo foi interrompido. Não estão estabelecidos nem em movimento; não são sedentários nem nômades (BAUMAN, 2007, p. 51).

Nesse sentido, o que deveria ser provisório passa a ser permanente, uma “transitoriedade congelada”. O lugar de passagem, de trânsito, construído precariamente porque temporário perde esse caráter, contudo, também não se torna duradouro. Não há como ser vivenciado plenamente e contribuir para experiências identitárias, assim como também não há meios de suspender esse tempo transcorrido. É como um trem de alta velocidade que passa pelos locais sem permitir ao passageiro formar imagens do que se apresenta rapidamente pela janela, tudo é uma massa contígua, sem contorno, sem sentido; mas, esse trem não tem ponto final, ele está permanentemente em trânsito, e não chega a lugar nenhum. Para Sayad, o imigrante (que também é o emigrante) não pode ter:

num caso *de jure* e no outro *de facto*, uma identidade civil. Assim dissociado de toda ordem nacional, tanto a da imigração quanto a da emigração – da primeira de forma certa e como por definição, desde o primeiro dia e durante toda a imigração; da segunda de forma progressiva na medida em que se prolonga a emigração, ou seja, como por carência devido à ausência acarretada pela emigração -, e porque essa dupla dissociação fez dele uma espécie de homem abstrato – um homem “integral”, dir-se-ia, pois escapa a todas as determinações concretas, empíricas, histórica e territorialmente, socialmente, politicamente e culturalmente (*i. e.*, nacionalmente) especificadas, pois está liberto de todos os laços (sociais, nacionais, etc) que o identificariam (SAYAD, 1998, p. 272).

Em Calais, além de estarem apartados do que é nacional e identitário os imigrantes também estão alheios a algumas condições necessárias e características daquilo que faz do homem ‘civilizado’. O próprio nome dado ao lugar por eles ocupado demonstra isso - *jungle* - uma área de bosque, próxima ao porto, utilizada como abrigo. Acomodados em tendas, precariamente construídas, não têm acesso a condições mínimas de higiene e alimentação.

Bauman (2007) lembra que se na Idade Média havia muralhas e fossos que demarcavam o território e promoviam a divisão entre “nós” e “eles”, entre civilização e barbárie, e davam a sensação de segurança, hoje, ainda que as barreiras políticas migratórias tenham se intensificado e dificultado o livre trânsito, fisicamente elas não existem e o “outro”, mesmo com toda espécie de dificuldade, não está lá, distante, está aqui, cada vez mais próximo:

Podemos dizer que agora as fontes do perigo se mudaram quase totalmente para áreas urbanas e lá se estabeleceram. Amigos – mas também inimigos, e acima de tudo os esquivos e misteriosos estrangeiros que vagueiam ameaçadoramente entre os dois extremos

– agora se misturam e caminham lado a lado nas ruas das cidades. A guerra contra a insegurança, e particularmente contra os perigos e os riscos à segurança pessoal, agora é travada *dentro* da cidade, onde se estabelecem os campos de batalha urbanos e se traçam as linhas de frente (BAUMAN, 2007, p. 77 e 78).

Com o problema *aqui* não é possível fingir que ele não existe. Em Calais, além de uma ameaça à segurança os imigrantes passaram a ser também uma ameaça à saúde. Como vivem em condições precárias de higiene muitos sofrem com uma afecção cutânea contagiosa comumente conhecida como sarna, cuja medida profilática e tratamento incluem banho. Norbert Elias, no livro *Os estabelecidos e os outsiders* menciona que os grupos estabelecidos orgulham-se de serem mais limpos que os *outsiders*, e que *dadas as circunstâncias*, com frequência realmente o são, o que parece ter sido esquecido neste caso é o ‘*dadas as circunstâncias*’. Essa ‘limpeza’ requerida pelos estabelecidos como uma característica particular, um dom, um diferencial de sua superioridade nada mais é, de modo geral, que algo possibilitado pelas circunstâncias. Garcin, o personagem da peça *Entre quatro paredes*, de Sartre, ao chegar ao inferno questiona o criado sobre o porquê de lhe tomarem a escova de dentes. A resposta do criado: “aí está. Aí está a dignidade humana que volta”.

Não há um número confiável de quantas pessoas se abriguem na *jungle*, seja em virtude das próprias características do local ou em função da alta rotatividade dos imigrantes. É possível encontrar variações desde 276 pessoas até mais de mil. Porém, a quantidade e frequência de notícias relacionadas ao lugar podem ser um indicador de que, independente do número, a situação dos que lá estão não passa despercebida. A mobilização acontece tanto por parte de quem busca auxiliar os imigrantes e oferecer condições dignas enquanto permanecerem na cidade, quanto de quem deseja expulsá-los. Sayad (1998) aponta que muitas vezes a ajuda humanitária oferecida aos imigrantes tem mais o efeito de tranquilizar a consciência de quem a oferece do que alterar a situação de quem dela precisa. Em sentido oposto, a expulsão parece ser a principal medida oficial adotada para resolver o problema da imigração. Como o acirramento de barreiras migratórias, a dificuldade na concessão de visto ou a segregação dentro da própria cidade se mostraram falhas, a expulsão dos indesejados passou a ser vista como alternativa mais eficiente. É comum encontrar declarações do governo francês ameaçando expulsar imigrantes seja porque estão envolvidos em protestos, situações de tumulto ou por mulheres muçulmanas usarem véu. Porém, uma observação mais atenta não a uma situação específica, mas a conjuntura que envolve os fenômenos migratórios aponta que a expulsão

dos imigrantes não é uma solução, até porque, segundo dados do Relatório do ACNUR a migração tende a aumentar, principalmente de pessoas cujo país de origem está em guerra.

### Considerações Finais

As imagens dos violentos conflitos de 2005 envolvendo imigrantes e seus descendentes, iniciados na periferia de Paris e disseminados por todo país, e da destruição das improvisadas cabanas erguidas precariamente nas proximidades do porto de Calais e utilizadas como abrigo, dos protestos dos *sans-papiers* são alguns exemplos que dimensionam a extensão dos conflitos. Somadas às constantes alterações na legislação demonstram como a imigração, em seus mais distintos aspectos, tem merecido a atenção dos meios de comunicação, uma vez que as informações desses acontecimentos se espalham pelo mundo por meio dos noticiários, e mais que isso, direcionam a questão migratória para o centro da vida política e social francesa.

Bem-vindo, ao retratar algumas dessas tensões, promove aquilo que Morin (1970) define como a função da arte: intensificar o poder afetivo da imagem, ou melhor, intensificar o poder afetivo do real através da imagem. O filme, pelas características próprias de uma peça cinematográfica, por trazer em sua produção uma condição e uma necessidade de reprodução, como aponta Walter Benjamin, amplia o espectro de visibilidade de uma situação real, que muitas vezes não é percebida ou refletida. Em uma época que privilegia a visualidade, tornar-se visível é, praticamente, condição para a existência.

O diretor do filme, Philippe Lioret, constrói uma narrativa capaz de dar visibilidade a esses tensionamentos sem apelar para maniqueísmos ou vitimização das personagens e sem converter a obra em um manifesto em favor de um ou outro. Isso, porém, não significa que o filme seja superficial ao retratar esses tensionamentos. A sutileza de sua crítica, expressa em detalhes como o desligar da televisão quando aparece o presidente francês Nicholas Sarkozy ou então na vantagem do placar do jogo entre Manchester United e Lyon, promove uma aproximação do espectador ao convidá-lo a conhecer uma situação, sem obrigá-lo a fazer escolhas entre vilões e mocinhos. Os conflitos têm uma dimensão interna: o delegado pressionado para prender os voluntários, a voluntária angustiada entre o desejo de ajudar e o receio de ser punida, e exemplificam a complexidade da situação, e como afirma Bauman (2007) não há soluções locais para problemas globais, assim como não há soluções simples para problemas complexos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bauman, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Mezzadra, Sandro. **Derecho de fuga: Migraciones, ciudadanía y globalización**. Trad. Miguel Santucho. Madrid: Traficantes de sueños, 2005

Morin, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**. Trad. António Pedro Vasconcelos. Lisboa: Moraes Editores, 1970.

\_\_\_\_\_. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 5ª Ed. Rio de Janeiro, Forense universitária, 1981.

Norbert, Elias; Scotson L. John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000

Ramonet, Ignacio. **Guerras do século XXI: novos temores e novas ameaças**. Trad. Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

Sayad, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

Sartre, Jean-Paul. **Entre quatro paredes**. Trad. Guilherme de Almeida. Abris S.A. São Paulo, 1977.

ANISTIA INTERNACIONAL. **Informe 2010: o estado dos direitos humanos no mundo**. Porto Alegre, 2010.

United Nations High Commissioner for Refugees. **Global Trends 2009: Refugees, Asylum-seekers, Returnees, Internally Displaced and Stateless Persons**. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/statistics>>.

WELCOME. Diretor: Philippe Lioret. França: Imovision, 2009. DVD (155 min), color, língua original: francês.

<http://www.welcomemovie.com.au>> vários acessos.

<http://www.lemonde.fr/>> vários acessos.

<http://www.insee.fr/fr/default.asp>> vários acessos.

<http://www.legifrance.gouv.fr>> vários acessos.

<http://www.immigration.gouv.fr/>> vários acessos.

<http://www.debatidentitenaionale.fr>> vários acessos.

<http://www.laubergedesmigrants.fr/>> vários acessos.

<http://www.cimade.org/>> vários acessos.

<http://www.secours-catholique.org/>> vários acessos.

<http://michaelis.uol.com.br/>> vários acessos.

<http://www.elpais.com/global/>> vários acessos.

<http://www.portugues.rfi.fr/>> vários acessos.